

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NAS ONDAS DO LAGO: o rádio em uma comunidade ribeirinha na Amazônia¹

Rosa Luciana Pereira RODRIGUES²
Universidade Federal do Pará, Belém-PA

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a experiência da radiodifusão comunitária desenvolvida em uma comunidade ribeirinha da área rural do município de Santarém-Pa, interior da Amazônia. Para isso, buscou-se entender o processo da sua criação, há mais de uma década, sua programação e os movimentos gerativos causados pela rádio comunitária. Além da observação em campo, na própria comunidade, análise de documentos da emissora, pesquisa bibliográfica, também foram feitas entrevistas com pessoas ligadas à experiência. Entre as conclusões, entendeu-se que a comunicação comunitária representa um estímulo para a ação dos membros da comunidade. Eles se tornam atuantes no processo de organização popular, na busca de melhorias das condições de vida, tomando consciência do seu poder de articulação e mobilização.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação comunitária, rádio comunitária, Lago Grande, Amazônia.

INTRODUÇÃO

É comum a observação de espaços comunitários que utilizam o rádio como um meio de mobilização social. Muitos começam com simples sistemas de alto-falantes e outros buscam melhores estruturas técnicas para garantir a comunicação alternativa. Em geral, o rádio serve para expressão da cultura, divulgação de notícias, articulação de reuniões, avisos, homenagens, dentre outras funções de utilidade pública no espaço comunitário.

Entendendo a importância da comunicação para a construção da cidadania, é importante investigar os processos que levam à criação de rádios comunitárias, além de saber como são as programações e os movimentos gerativos causados pelo meio. Com esse conhecimento pode-se saber se estas emissoras desenvolvem uma autêntica comunicação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cidadania no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, professora acadêmica, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará; email: rosalu29@gmail.com

comunitária, ou seja, se trabalham com informações produzidas pela comunidade e se estas estão a serviço do bem comum dos membros do grupo.

Nesta pesquisa, procurou-se investigar a experiência da Rádio Comunitária FM do Lago Grande do Curuai, conhecida como RC FM Lago, que, mesmo sem estar devidamente regularizada junto ao Ministério das Comunicações, funciona há mais de dez anos instalada na Vila Curuai, localidade situada em uma região ribeirinha do município de Santarém-Pa.

Considerando que esta emissora saiu na frente com o serviço da radiodifusão comunitária na região Oeste do Estado do Pará, essa é uma experiência a ser contada, principalmente porque depois dela muitas outras surgiram. E um destaque especial é para o contexto dessa rádio que está localizada em uma área rural que na época de instalação da emissora não tinha nem energia elétrica. Além disso, a Vila Curuai se constitui num pólo de referência na região do Lago Grande do Curuai que reúne dezenas de comunidades.

1 COMUNICAÇÃO POPULAR

A comunicação popular surge como manifesto de insatisfação com a forma como atua a maioria dos meios de comunicação de massa. É um contraponto à visão de mundo de quem comanda os meios oficiais.

Numa conjuntura em que vem à tona a insatisfação de amplos setores sociais devido às precárias condições de existência do povo e as restrições à liberdade de expressão, desenvolvem-se os meios de comunicação “alternativos” dos setores populares, não sujeitos ao controle governamental ou empresarial direto. É uma comunicação vinculada a práticas de movimentos coletivos (PERUZZO, 1995, p. 29).

Este tipo de comunicação vem como uma manifestação contrária às formas de produção da estrutura dominante de comunicação. “Nesse patamar a ‘nova’ comunicação é um grito antes sufocado de denúncia e reivindicação por transformações” (PERUZZO, 1995, p. 29). Sua manifestação pode ser em formas variadas como em pequenos jornais, boletins, rádio popular, teatro, folhetos, volantes, vídeos, cartazes, cartilhas, entre outros.

A comunicação popular pode compreender processos comunicativos variados. Pode estar presente nos pequenos veículos de comunicação e também nos meios de massa. Inicialmente, denominavam-se de comunicação popular aquelas iniciativas comunicativas de linguagem simples e produzidas até de forma artesanal. Depois se verificou que esta “não se refere ao tipo de instrumento utilizado, mas ao conteúdo das mensagens” (FESTA,

1983 apud PERUZZO, 1995, p. 34). A partir desse pressuposto, a comunicação popular é evidenciada como aquela que expressa a realidade e os interesses do povo.

Nessa perspectiva, há o destaque para a presença dos sujeitos no processo comunicativo como agentes que protagonizam: “A comunicação popular tem como protagonistas o próprio povo e/ ou organizações e pessoas a ele ligadas organicamente” (PERUZZO, 1999, p. 127).

1.1 A Comunicação Comunitária como expressão da Comunicação Popular

Na comunicação chamada comunitária se destaca a vida local das comunidades e não a cultura globalizada, difundida pelos grandes meios. Evidencia-se um processo de inclusão dos membros da comunidade. A ênfase é para aspectos da vida cotidiana das pessoas. Segundo Paiva (2003, p. 56), a importância dessa comunicação se dá

Primeiro, porque, como a mídia comercial se torna a cada dia mais globalizante e universalista, o tratamento dos assuntos passa a ser genérico e nada específico. O local, o regional, só são iluminados uma vez que se enquadrem em certos critérios, como os de originalidade, repercussão, conflito, raridade. O surgimento de veículos a partir dos grupos comunitários em caráter basicamente local, de abordagem temática relacionada ao particular, ao que interessa especificamente aquele grupo, e de conscientização de sua realidade.

Quando se faz referência ao termo comunitário, de um modo geral, vem à mente a conceituação dos dicionários para comunidade. Fernandes (et al, 1996) apresenta o termo comunidade como a qualificação do que é comum e relaciona-o à sociedade no sentido do espaço onde há a agremiação de indivíduos. Mas a definição é insuficiente para designar esse termo tão amplo e tão significativo para a vida social.

Essa terminologia abrange aspectos de convivência, das experiências, da partilha de ideais, da busca pelo bem comum. Para Weber (1973 apud MELO, 2006, p. 126):

Chamamos comunidade a uma relação social quando e na medida em que o comportamento da ação social se inspira num sentimento subjetivo – afetivo ou tradicional – dos participantes no sentido de constituírem um todo.

Isso significa que não basta haver um espaço geográfico ocupado por um grupo de pessoas para se configurar uma comunidade. Há a necessidade de uma ação coletiva aglutinadora do anseio dos seus membros integrantes. Por conta dessa abordagem, observa-

se que a denominação comunidade requer uma cumplicidade e uma conspiração das pessoas que a integram com vistas ao bem comum dos indivíduos.

Comunidade é o espaço onde as pessoas se encontram dentro da cidade, lugar onde a gente se acha, acha nossas raízes. Viver em comunidade é apostar que é possível viver no encontro, na partilha, ao contrário do que nos remete a globalização, onde cada um vive no seu canto, em solidão (TAVARES, 2009, p. 1).

Paiva (2003, p. 82) apresenta a idéia de que a comunidade resgata o que há de “mais verdadeiro e natural no sujeito” a partir de processos de relação entre os seus membros. Em vista disso cita o argumento de que “para fazer o mundo não bastam simplesmente átomos. É necessário um clinámen. É necessária uma inclinação, uma pendência de um na direção do outro. A comunidade é o clinámen do indivíduo” (NANCY 1992 apud PAIVA, 2003, p. 82). Essa abordagem aponta que na comunidade o indivíduo tem uma postura integrada com relação à vida das outras pessoas. Não há sentido numa existência individual. O maior significado está na descoberta do outro, da vida compartilhada.

A partir dessas abordagens a respeito do conceito de comunidade, aprofunda-se a discussão sobre os meios alternativos de comunicação com base em ações comunitárias. Melo (2006) diz que os caminhos de um meio comunitário estão ligados à transformação social, considerando que as reais experiências comunitárias, principalmente no Brasil, sejam aquelas em que os membros da comunidade encontram um fator aglutinador. A comunicação comunitária deve constituir um veículo que une a comunidade e que serve de referência ao grupo organizado e consciente de seu papel pela defesa do bem-comum.

Outro aspecto, é que esse tipo de comunicação deve ser inclusivo e falar da vida da comunidade, e isso pressupõe o diálogo com um conjunto de ações que são vivenciadas no espaço comunitário. Nesse conjunto, a comunicação comunitária tem o papel de intermediar esse diálogo, incluindo os comunitários no processo de organização.

A proposição em torno da produção de um veículo comunitário sempre esteve ancorada no projeto de produção de mensagens mais inclusivas, menos estigmatizantes e sob as quais se pudesse ter alguma forma de controle. Por esta razão, é impossível se pensar na existência de um veículo comunitário sem que este projeto esteja relacionado a diversos outros (PAIVA; SODRÉ, 2002, p. 4).

A comunicação comunitária é apresentada como uma alternativa de comunicação que privilegia os anseios populares no que tange aos aspectos sociais da vida cultural e econômica da comunidade. Além disso, um dos pontos primordiais dessa comunicação são

as relações de pertencimento dos seus membros que se identificam nas relações comunicativas. E também há “o poder reivindicatório, que se instala a partir da informação numa ótica programática, não com um propósito meramente promocional, mas de melhoria da condição de vida do indivíduo” (PAIVA, 2003, p. 56-57).

Paiva e Sodré (2002) apontam que uma comunidade atuante com meios de comunicação comunitária revela um aspecto gerativo nas ações conjuntas e vinculadas aos seus membros, opondo-se às relações contratuais impostas pela sociedade.

Por comunidade gerativa, pretende-se designar o conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) passíveis de serem executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos.

[...]

A comunidade gerativa propõe-se a agir em resposta ao atomismo social e à razão instrumental que define a política centrada no mercado e no predomínio de um Estado gerencial e burocrático (PAIVA; SODRÉ, 2002, p. 7-8).

A comunicação comunitária estimula a ação dos membros da comunidade, levando-os a serem atuantes no processo de organização popular, nas manifestações culturais, na maturidade das lideranças.

2 O RÁDIO COMO UM MEIO ALTERNATIVO COMUNITÁRIO

No aspecto alternativo da comunicação, um dos principais meios que representa a democratização da informação e a difusão das culturas populares é o rádio, o que pode ser atribuído às características desse meio de comunicação que possibilita uma interação mais próxima com os ouvintes. Para Girardi e Jacobus (2009, p. 10), “o rádio é o veículo de comunicação mais indicado. Ele está presente na maioria das casas, não é caro e, [...], não exige que as pessoas saibam ler para que possam compreender”. O rádio esteve presente em diversas realidades de manifestação de grupos sociais em virtude do anseio pelo direito a uma comunicação alternativa que privilegiasse os interesses comuns da população.

A descoberta das rádios comunitárias no Brasil, com esse nome específico, se deu a partir da década de 90. Antes disso, os ideais democráticos propagados através da radiodifusão se deram no formato de rádios livres. Mas foi o modelo das experiências de rádio popular dos alto-falantes que deu origem a expressividade comunitária dessas emissoras.

As formas antidemocráticas de distribuição das informações pelos meios de comunicação de massa foram a grande motivação do crescimento das rádios de baixa potência no país, tornando-as meios mais democráticos para ficar a serviço das comunidades (COSTA; FRANÇA, 2009).

Levando em conta a existência de diferentes tipos de emissoras de baixa potência e os interesses divergentes, Peruzzo (1998) caracteriza como comunitárias as emissoras que são administradas por organizações em todo o processo de comunicação. De acordo com Costa e França (2009), o termo rádio comunitária foi institucionalizado em 1995, durante o Primeiro Encontro Nacional de Rádios Livres Comunitárias, na ocasião em que

[...] elas foram definidas como aquelas que têm gestão pública, funcionam sem fins lucrativos e têm programação específica voltada para a comunidade. São as chamadas rádios de baixa potência, que têm a finalidade de servir à comunidade e contribuir efetivamente para a construção da cidadania, diferentemente das rádios comerciais convencionais (COSTA; FRANÇA, 2009, p. 2).

Porém, existem emissoras de baixa potência divergentes dos anseios populares que motivam as rádios, verdadeiramente, comunitárias. Há as que, apesar de prestarem serviço comunitário, estão sendo controladas por poucas pessoas que vendem espaço para publicidade. Também existem as rádios que tem uma tendência, totalmente, comercial, sem nenhum vínculo com a comunidade. Ou ainda as de cunho político-eleitoral e as ligadas a grupos religiosos. Estas últimas, em alguns casos, se aproximam do caráter comunitário pela programação de cunho educativo que muitas vezes é levada ao ar (PERUZZO, 1998).

Vale destacar que há uma exigência norteadora para se qualificar uma emissora com caráter comunitário: “As **RÁDIOS** chamadas **COMUNITÁRIAS** devem ser realmente **DEMOCRÁTICAS**” (GIRARDI; JACOBUS, 2009, p. 10, grifo dos autores). Eles Ressaltam, ainda, que a abertura para a participação popular, participação da comunidade, é o que proporciona a grande vantagem das rádios comunitárias sobre as emissoras comerciais. Como na maioria das vezes, esses tipos de rádios estão irregulares, costumam ser chamadas de piratas ou clandestinas, representando uma conotação negativa no desempenho dessas emissoras. De acordo com Peruzzo (1998, p. 7), “ao serem taxadas de piratas elas são tidas como ilegais, invasoras e perversas”.

Para Pires e Miceli (1996 apud Peruzzo, 1998, p. 9),

a diferença entre rádio comunitária e rádio pirata está em seu objetivo, ou seja, a comunitária não visa lucro, e sim a prestação de serviço. Já as piratas são emissoras

que comercializam espaços em sua programação sem a participação dos moradores, considerando apenas o lado financeiro.

É importante também considerar a inserção de grupos comunitários, nos lugares mais distantes dos centros urbanos, que se apropriam dessa forma de comunicação para exercerem o direito de vivenciar uma comunicação produzida pela e para a comunidade.

3 CONHECENDO O LAGO GRANDE DO CURUAI

O Lago Grande do Curuai é uma região rural que compreende uma área de seis mil e quinhentos quilômetros quadrados e está dividida em sub-regiões: Alto Lago, Médio Lago e Baixo Lago. Essa divisão foi proposta pela ação da igreja católica para ajudar na distribuição dos trabalhos pastorais, considerando a grande extensão geográfica.

O Lago Grande do Curuai abrange áreas de três municípios da região Oeste do Estado do Pará: Santarém, Óbidos e Juruti, sendo que a grande maioria do seu território faz parte do primeiro. De acordo com a caracterização apresentada por Apel (1999, p. 49), essa região tem “uma geografia mais parecendo uma renda, o Lago Grande do Curuai é formado pelas águas barrentas do Amazonas que misturam-se com as águas claras e limpas provindas dos igarapés e igapós”. São dezenas de comunidades que fazem parte do Lago Grande do Curuai. O ponto de convergência na região é situado na Vila Curuai que fica localizada no Médio Lago e concentra os principais serviços públicos para a população, como posto de saúde e escolas com melhores recursos, rede de telefonia, além de uma rádio comunitária.

Com relação aos habitantes da região, destaca-se que “a população do Lago Grande é formada, em sua maioria, por índios, brancos e negros. Assim como em todas as regiões da Amazônia, a cultura destas etnias é bastante expressiva, sobressaindo-se a indígena” (APEL, 1999, p. 50). Em 2000, registrou-se uma população de 18 mil habitantes, mas atualmente trabalha-se com a estimativa de vinte mil pessoas.

A formação das comunidades, em sua maioria, teve influência da Igreja Católica que por meio da ação dos religiosos e também com o trabalho desenvolvido pelo Movimento de Educação de Base - MEB, marcante com o serviço de educação popular realizado na região. As denominações das comunidades fazem referência a essa realidade e às principais relações culturais do povo:

As comunidades recebem os mais diversos nomes que fazem referência a santos da Igreja Católica [São Raimundo], à cultura indígena [Tajapuru], à flora [Carobal – árvore madeireira], à fauna [Torrão do Papa Terra – pássaro], à geografia [Cabeceira do Ouro] ou ainda, relacionados ao único esporte praticado pela grande maioria dos moradores: o futebol [Paissandu] (APEL, 1999, p. 50).

O acesso ao Lago Grande do Curuai se dá por via terrestre e fluvial. Há, inclusive, uma rodovia estadual que cruza toda a região. É a PA-257, Translago, que liga o município de Juruti, passando pelo Lago Grande, à Vila Arapixuna, outra grande região rural do município de Santarém.

A chegada recente da energia elétrica na Vila Curuai, em pouco mais de quatro nos, representou um avanço importante para a comunidade. Além da implantação da telefonia fixa atendendo aos comunitários que podem pagar a taxa mensal do serviço, houve o registro de aumento no contato das comunidades com a televisão. Mais famílias adquiriram receptores para acompanhar as programações das redes de tevê. Antes da chegada da energia elétrica, eram poucas as famílias que podiam fazer uso de pequenos geradores.

Nesse contexto, a comunicação no Lago Grande do Curuai, nos últimos anos, teve como principal referência a emissora denominada Rádio Comunitária FM Lago, que tem uma história de mais de uma década, desde a descoberta da comunicação radiofônica local até a persistência atual de continuar no ar mesmo sem estar devidamente regularizada.

4 A RÁDIO COMUNITÁRIA FM LAGO

Em julho de 1998 foi regularizado o estatuto da instituição jurídica que propôs prestar o serviço da radiodifusão comunitária. A Rádio Comunitária do Lago Grande do Curuai FM, de acordo com o estatuto, tem os seguintes objetivos:

- Contribuir com a luta pela democratização dos meios de comunicação, pela democratização da informação e pela institucionalização do direito de comunicar;
- Ter voz para fazer denúncias fundamentadas nos fatos e interesses de toda a comunidade;
- Ser um instrumento de formação da cidadania do povo do Lago Grande do Curuai, através de programação educativa e orientadora da consciência crítica de seus ouvintes;
- Promover cursos de capacitação profissional na área de comunicação radiofônica, dentro das leis vigentes;
- Prestar assessoramento na área de comunicação a entidades sindicais, comunitárias, religiosas, culturais e outras, sem fins lucrativos (RÁDIO COMUNITÁRIA FM DO LAGO GRANDE DO CURUAI, 1998, p. 1).

Esses objetivos remetem a aspectos voltados para a vida comunitária, como a democratização e o direito de comunicar, comunidade e cidadania, dando embasamento à proposta de promoção de uma comunicação democrática.

O documento ainda destaca os direitos e deveres de quem se propõe a participar da rádio comunitária. Diz, inclusive, que toda associação ou entidade pode se associar à instituição, desde que “lute pelo bem do Lago Grande, esteja radicada nesta região e seja aceita pela assembléia geral” (RÁDIO COMUNITÁRIA FM DO LAGO GRANDE DO CURUAI, 1998, p. 1). De acordo com Apel (1999, p. 61), a história de criação da Rádio Comunitária FM Lago é:

caracterizada pela ânsia de participar, de se revelar ao mundo e de dizer que a Amazônia não é só lugar de cobras, onças e índios ou de florestas, ecossistemas e biodiversidades, objetos de estudos e polêmicas a respeito de sua preservação. Mas é lugar de cidadania e de participação de um povo que, como todo bom brasileiro, trabalha e luta por dignidade e justiça.

O surgimento da rádio foi motivado pela aprovação da lei 9.612/98 que regulamentou o serviço de radiodifusão comunitária no país. E há de se considerar também que a cultura do meio de comunicação rádio é muito forte na região, haja vista que por emissoras comerciais dos municípios, durante muitos anos, chegavam as únicas informações do mundo para a comunidade.

Na época da criação da RC FM Lago, essa realidade era ainda mais forte devido a não existência do fornecimento de energia elétrica no Lago Grande do Curuai, o que inviabilizava a presença de outros meios de comunicação.

Na avaliação de Apel (1999, p. 62), “o isolamento das pessoas na zona rural, que moram distantes umas das outras, que trabalham em seus roçados ou na lavagem de roupas no lago durante todo o dia, favorece a utilização e a afeição pelo rádio”. A realidade proporciona uma proximidade entre o ribeirinho e o locutor.

As características do meio de comunicação rádio, com linguagem simples, direta e pessoal, tendo o aparelho receptor mais barato e pelo seu aspecto interativo marcante, são elementos que favorecem essa proximidade e serviram de motivação para a busca da radiodifusão comunitária para a região do Lago Grande do Curuai.

Considerando essas motivações, a comunidade local inaugurou sua rádio comunitária, a RC FM Lago, no dia dez de janeiro de 1999, com equipamentos doados por organizações não governamentais, inclusive um gerador de energia.

4. 1 Alguns aspectos para reflexão

Para este breve momento de reflexão, apresentam-se alguns aspectos para analisar a atuação da RC FM Lago diante do que se entende como comunicação comunitária:

- Motivação para a criação da RC FM Lago

A idéia de se criar uma rádio comunitária na Vila Curuai do Lago Grande partiu da iniciativa do padre da Igreja Católica que atuava na região na década de 90, Edilberto Sena.

Entrevistado para esta pesquisa, o padre informou que além da formação religiosa, nos tempos de seminário, teve participação em diversos cursos de comunicação popular, inclusive fora do Brasil, que o motivaram a trabalhar nessa área incentivando as comunidades onde trabalhou na pastoral da igreja. Antes de ser designado a atuar na região do Lago Grande do Curuai, padre Edilberto Sena trabalhou na Rádio Rural, pertencente à Diocese de Santarém. Na emissora, o religioso produtor/apresentador criou programas radiofônicos ligados à religião, à cultura, ao movimento popular e à juventude dando ênfase à vida das comunidades rurais do município.

Na entrevista, padre Edilberto falou que a realidade da região do Lago Grande do Curuai foi o que o motivou a externar a ideia de implantação de uma rádio comunitária: “[...] era uma região grande. Naquela altura que eu cheguei, em 94, eram muitas comunidades. [...] Então começamos com a ideia de criar uma rádio comunitária. Foi que surgiu esse entusiasmo e nós aproveitamos o que tínhamos e saiu a rádio do Lago Grande”.

O “sonho” de criar a rádio, como disse o padre, despontou em meados de 1996 e amadureceu nos anos seguintes, sendo partilhada com a comunidade da Vila Curuai do Lago Grande que decidiu trabalhar em conjunto para a realização do projeto. A comunidade foi representada pelas organizações, movimentos populares e igrejas, legalmente constituídas, que envolviam toda a região.

No relato, o padre informou que foi criada uma associação para encaminhar o projeto da rádio comunitária. Dessa instituição “participavam seis entidades jurídicas: a paróquia, a Igreja Assembléia de Deus, as associações de produtores ASPROMEL, ASPRODAL e ASPROBAL”, que representavam as comunidades, além da ASLAGO – Associação dos Amigos do Lago Grande do Curuai.

Diante do exposto pelo idealizador da RC FM Lago quanto à criação a emissora, verifica-se que a rádio foi criada a partir da motivação de uma pessoa e da mobilização da comunidade que se interessou pelo projeto a partir da perspectiva de que haveria um espaço de comunicação da própria comunidade.

Segundo Paiva (2003), nos meios de massa os conteúdos são mais “globalizantes” e “universalistas”, sem considerar as realidades regionais. Não há uma preocupação com a difusão do local, da vida cotidiana, e, por conta disso, os espaços na mídia são ocupados com ideias generalizadas, ao contrário do que propõe a comunicação comunitária de evidenciar o dia-a-dia das pessoas, seus anseios, suas conquistas, seu modo de viver.

Peruzzo (1995) também reforça que o surgimento da comunicação popular se dá pela insatisfação com os sistemas dominantes de comunicação inibidores da expressão do povo. E nesse contexto é que se evidencia a importância dos meios alternativos no processo comunicativo das comunidades.

- Programação da Emissora

A programação da RC FM Lago, no início das atividades da emissora, foi montada com base nos objetivos contidos no estatuto. Pela diretoria, o responsável da organização era o diretor de operações que coordenava as discussões referentes à elaboração dos programas e à escolha dos comunicadores.

Ao ser entrevistado para esta pesquisa, o diretor de operações na época que a rádio foi criada, Raik Pereira³, contou que começou a participar do processo em meados de 1998, mas assumiu essa direção no dia em que a emissora entrou no ar, no mês de janeiro do ano seguinte. Ao longo do período foi tomando conhecimento dos reais fundamentos de uma rádio comunitária. Segundo ele, “no começo era tudo novidade. [...] A partir do momento que a gente começou a se familiarizar com o estatuto da rádio comunitária em si que a gente foi, na verdade, aprender qual era a finalidade da emissora”.

A partir dessa familiarização, internalizou-se que os princípios de uma emissora comunitária são, segundo ele, “promover a cultura local; dar espaço para a comunidade divulgar seus valores, seus costumes; oportunizar a arte musical; divulgar os fatos que a grande mídia não divulga; valorizar o que é da terra [...]”.

³ Raik Pereira era um jovem líder de uma comunidade ribeirinha do Lago Grande do Curuai. Com a experiência na RC FM Lago, ele ganhou destaque como locutor e foi convidado a trabalhar em uma emissora comercial de Santarém, Rádio Rural, onde faz carreira como locutor e repórter.

O principal foco da programação inicial da FM Lago era o tema cidadania, enfatizando os direitos e os deveres dos cidadãos. Nesse aspecto é que a programação abordava educação, saúde, meio ambiente e a cultura local, tendo, inclusive, programas direcionados para jovens e para crianças.

Em conversa com a atual diretoria da emissora, obteve-se a informação de que há mudanças na grade de programação. Entre, os motivos estão a adaptação dos programas devido ao afastamento de algumas organizações que eram responsáveis por determinados horários e a inserção de jovens locutores que ainda estão em processo de formação.

Na entrevista, um membro da diretoria informou que nos dias atuais há “programas totalmente musicais que atendem cartas dos ouvintes; programas informativos que abordam temas relacionados ao Conselho de Pesca, como cuidar do meio ambiente e outros”. Também há os que abordam questões de saúde. Tem programas que estão na programação desde o início da rádio, como o Clube de Sócios, outros receberam nomes diferentes, mas com características semelhantes a programas do início.

- Ação Gerativa na Comunidade

A experiência da comunicação comunitária evidencia um processo de reação gerado na comunidade. É aspecto gerativo nas ações desenvolvidas com base no conjunto social a partir da motivação impulsionada pelos comunicadores e pelo formato de seus programas.

Os comunicadores incentivam os comunitários a agirem em vista do bem comum, a não ficar só esperando pelos órgãos competentes implementarem ações que beneficiem as comunidades. Durante a entrevista para esta pesquisa, o ex-diretor de operações da emissora falou que na história da RC FM Lago houve, inclusive, uma comunidade no Lago Grande do Curuai que foi motivada a promover uma ação conjunta para a abertura de um ramal - estrada para beneficiar a população com acesso via terrestre.

Durante muito tempo, a comunidade esperou pela ação do poder público em vista do ramal, mas após uma campanha de motivação feita pela rádio, os comunitários resolveram agir e eles próprios abriram a estrada. De acordo com as palavras do ex-diretor, “o povo do interior era muito limitado e esperava que a prefeitura fosse fazer o ramal. Então de tanto a rádio bater nessa questão que às vezes o município tem obrigação, mas se a comunidade tomar a frente, a coisa acontece [...] foi que aconteceu” e a comunidade foi beneficiada com a estrada que ajudou no escoamento da produção agrícola e no transporte das pessoas.

Outro exemplo foi dado por uma das diretoras atuais da rádio. Ela informou que antes “muita gente não mandava vacinar os filhos pela falta de comunicação”. As famílias eram acomodadas, não compreendiam a importância da vacina para a imunização dos seus filhos e, muitas vezes, pela falta de instrumentos de comunicação, nem tomavam conhecimento da mobilização pela saúde das crianças. Segundo a entrevistada, “hoje o dia da vacina é colocado no rádio. As famílias escutam à distância e elas fazem tudo para trazerem suas crianças para serem vacinadas”.

A diretora também falou que por meio da mobilização que é feita pela rádio comunitária há uma maior motivação nas atividades do conselho de pesca, do sindicato dos trabalhadores rurais e outras entidades. Segundo ela, “é através da rádio comunitária que se mobilizam as reuniões e as atividades dessas organizações”. A entrevistada informou, ainda, que já houve organização de limpeza de igarapés na região e outros movimentos comunitários a partir do incentivo da comunicação da rádio.

De acordo com Paiva e Sodré (2002), o exercício de uma comunicação comunitária desperta a comunidade para esse aspecto gerativo nas ações coletivas em prol do bem comum. São as ações em conjunto pelo benefício dos membros de um grupo social que caracterizam uma comunidade gerativa. Isso significa dar prioridade ao bem estar social e não às leis do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de comunicação comunitária representa um estímulo para a ação dos membros da comunidade. Eles se tornam atuantes no processo de organização popular, na busca de melhorias das condições de vida, tomando consciência do seu poder de articulação e mobilização. E isso significa o exercício da cidadania. Nesse contexto, as rádios comunitárias têm um papel importante, pois elas motivam a auto-organização da comunidade e servem como veículo unificador dos seus membros, aglutinando ideais e metas de emancipação.

Muitos são os desafios para o desenvolvimento de projetos como esse: gestão financeira; manutenção de equipamentos; formação dos comunicadores; luta pela legalização, entre outras questões. A RC FM Lago, por exemplo, mesmo estando no ar há quase 14 anos, não tem a liberação oficial para funcionar, mesmo buscando isso desde o início. E esse não é um desafio particular da emissora amazônica, mas é um dos maiores

entraves para a radiodifusão comunitária no Brasil por conta dos impasses que circundam essa discussão.

Uma rádio comunitária instalada em uma comunidade rural da Amazônia, apesar de enfrentar todos os desafios inerentes à prática da comunicação, é um sinal importante dos passos dados pelo direito de se expressar, de comunicar.

A comunicação comunitária propõe o envolvimento de homens e mulheres como sujeitos nos processos interativos. E ainda estabelece ligações diretas entre a vida da comunidade e os conteúdos das programações, tirando os ouvintes da condição de meros expectadores para a posição de produtores de informação, de agentes ativos na difusão do seu jeito de viver, na busca de seus direitos e no conhecimento de seus deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APEL, Lígia Kloster. **RC FM Lago: Uma Experiência de Comunicação e Participação na Amazônia**. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2001.

COSTA, Maria Ivanúcia Lopes da ; FRANÇA, Edson Alves de. **Rádios Comunitárias: o ideal comunitário no ar**. 2009. Disponível em <http://www.bocc.uff.br/_listas/tematica.php?codtema=52>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo**. 42. ed. São Paulo: Globo, 1996.

GIRARDI, Ilza; JACOBUS, Rodrigo (org); ROCHA, Bruno Lima et al. **Para fazer Rádio Comunitária com “C” Maiúsculo**. Porto Alegre: Revolução de Idéias, 2009.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo: Identidades Brasileiras**. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. **O Sequestro da Fala Comunitária (2002)**. Disponível em <<http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/rpaiva3.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling (Org). Comunicação Popular em seus Aspectos Teóricos. **Comunicação e Culturas Populares**. São Paulo: INTERCOM, 1995, p. 27-44.

_____. Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil. IN: **XXI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Paper apresentado no GT Cultura e Comunicação Popular. Recife, PE, 09 a 14 de setembro de 1998. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>>. Acesso em: 15 de julho de 2009.

_____. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RÁDIO COMUNITÁRIA FM DO LAGO GRANDE DO CURUAI. **Estatuto da Rádio Comunitária do Lago Grande do Curuai**. Curuai, 1998.

_____. **Ata da Assembléia Geral Eleitoral Ordinária**. Santarém, 2008.

TAVARES, Elaine. **Jornalismo Comunitário – O que é afinal**. Disponível em <<http://www.igutenberg.org/elaine.html>>. Acesso em: 13 de maio de 2011.